



PROVOCAÇÕES HERMENÊUTICAS: CAMINHOS PARA UM DIÁLOGO DAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO COM AS DEMAIS CIÊNCIAS HUMANAS¹

José Roberto Limas da Silva²

Resenha de:

SENA, Emerson. *Ciência da Religião, Ciência e Religião: hermenêuticas e disputas*. Juiz de Fora: Editora UFJF (Selo Estudos de Religião), 2023. 223 p.

A obra “Ciência da Religião, Ciência e Religião: hermenêuticas e disputas” é da autoria de Emerson Sena, Doutor em Ciência da Religião e Antropólogo formado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). O livro é composto de sete capítulos, distribuídos em 223 páginas e foi publicado no ano de 2023 pela editora da UFJF, por meio do seu Selo Estudos de Religião. Segundo o autor, o livro tem a intenção de propor um diálogo de temáticas importantes para as Ciências da Religião na interpretação da relação religião e sociedade. Emerson Sena parte da ideia de que existe uma crise hermenêutica face ao “anti intelectualismo, o desprezo pela escola e pela universidade, pesquisa e ciência (em especial, a pública)”.³ Outro fator gerador de crise seria o capitalismo financeirizado que estabelece novas semânticas, ou mesmo ausência de semântica, na interpretação dos signos educacionais e culturais, massificando a interpretação dos processos sociais através das mídias tecnológicas. O autor entende que:

[...] Nunca se fez tão necessária a hermenêutica como arte, técnica, resistência, pausa, rito, reflexão crítica, jogo da razão que nos mantém na conversa racional dentro da qual, pedimos razões e damos argumentos ponderados, ato importante e prazeroso. Por isso, escolhi a perspectiva da hermenêutica para trazer a discussão da Ciência da Religião e alguns de seus temas, autores e pensadores.⁴

Na abertura do primeiro capítulo, Sena apresenta uma reflexão sobre “a hermenêutica, a ciência da religião e as ciências sociais da religião em suas aproximações e distanciamentos, disputas e concordâncias”.⁵ Nesse contexto, reconhece-se que a Ciência da Religião não possui uma abordagem metodológica própria, mas, herdada das outras Ciências, ou seja, “os métodos e perspectivas que nasceram na Ciência da Religião foram, em grande parte, tomados de outros domínios”,⁶ sendo reestruturados e conformados ao seu horizonte de pesquisa. Nesse sentido, Sena esclarece que o grande desafio para se estabelecer uma metodologia apropriada passa pela definição do que seja religião, objeto de pesquisa teimoso (no dizer do autor), que resiste a toda

¹ Enviado em: 20.03.2024. Aceito em: 18.04.2024.

² E-mail: jrlspastor@hotmail.com.

³ SENA, Emerson. *Ciência da Religião, Ciência e Religião: hermenêuticas e disputas*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2023. p. 9.

⁴ SENA, 2023, p. 13.

⁵ SENA, 2023, p. 13.

⁶ SENA, 2023, p. 16.

delimitação conceitual. Diante disso, apresenta-se, então, a hermenêutica como o caminho metodológico mais seguro para o empreendimento. Por isso, Emerson Sena percorre panoramicamente a longa trajetória da hermenêutica e seus principais teóricos, começando por Friedrich Schleiermacher e Wilhelm Dilthey (hermenêutica romântica e histórica), passando por Martin Heidegger, Hans-Georg Gadamer, Jürgen Habermas e Paul Ricoeur (hermenêutica ontológica e crítica).

Não obstante, o autor da obra aqui descortinada, privilegia a hermenêutica de viés crítico-ontológico na interpretação do fenômeno religioso. Ele próprio confessa: “centrarei meus argumentos em torno das hermenêuticas ontológica e crítica, defendendo que suas discussões devem irrigar as ciências da religião num esforço de auto interpretação e organização de seus fundamentos teóricos-metodológicos”.⁷ No desenlace desse capítulo, Sena reconhece que o ambiente epistemológico das Ciências da Religião exige interlocução com as Ciências Sociais, sobretudo, pela pertinência de “uma reflexão sobre a relação entre Ciência e Religião”,⁸ e, nesse contexto, a hermenêutica é a ferramenta que viabiliza o diálogo.

O segundo capítulo é um breve comentário acerca da controvertida relação entre ciência e religião, que exige uma compreensão mais abrangente, pois perpassa “questões sociais, políticas, culturais”.⁹ O autor aponta as polarizações e radicalizações hermenêuticas na interpretação da relação, representados pelos fundamentalismos religiosos e pelo ateísmo militante. Nesse sentido, a sociedade padece diante da hostilidade mútua e da ausência de consenso mínimos, pois “[...] os partidários de um iluminismo radicalmente ateu ou os religiosamente crentes na verdade sagrada (a leitura endurecida dos relatos e eventos bíblicos) acreditam não haver paz entre ambas, uma vez que estaria na estrutura delas antagonizarem-se [...]”.¹⁰ Na sequência, o autor reforça o posicionamento de que é possível pensar na superação das leituras dicotômicas e abissais, pois “as narrativas científicas não estão em processo de colisão com as narrativas religiosas, antes, constituem modos diferentes de se tecer reflexões sobre diversos aspectos da realidade”.¹¹

A discussão acerca do método na Ciência da Religião ocupará todo o capítulo terceiro. Nele, Sena enfrenta a questão fundamental na escolha do método, no ambiente das Ciências da Religião, que é a concepção de imanência e/ou transcendência do fenômeno religioso. Daí, a encruzilhada metodológica é sempre uma situação presente. Entrementes, parece impossível a ideia de um método unívoco e inquestionável. Portanto, entende-se como adequado pensar num “pluralismo/politeísmo metodológico como alternativa aos discursos fundadores, impossibilidade de uma metodologia unívoca, a existência de ambivalências metodológicas e a necessidade de sair do monoteísmo-monista metodológico”.¹²

É salutar destacar que de acordo com as questões propostas, assume maior importância pensar que o diálogo acadêmico das Ciências da Religião com as outras Ciências Humanas passa primeiramente pelo não engessamento de sua abordagem metodológica, pois a forma como se alcança o conhecimento religioso (ou seja, qual método usado) “[...] exige um trânsito entre várias

⁷ SENA, 2023, p. 41.

⁸ SENA, 2023, p. 77.

⁹ SENA, 2023, p. 13.

¹⁰ SENA, 2023, p. 80.

¹¹ SENA, 2023, p. 93.

¹² SENA, 2023, p. 102.

áreas do conceito, em especial, o que se está discutindo de mais atual na sociologia, na filosofia, na antropologia, na história”.¹³

A presença e a influência da religião na sociedade é a tônica do capítulo quarto. A ideia é demonstrar a forma como a religião está imiscuída e diluída na sociedade. A citação que se faz de Emile Durkheim é bastante sintomática nesse sentido. “Se a filosofia e as ciências nasceram da religião, é que a própria religião começou por fazer as vezes de ciências e de filosofia”.¹⁴ Neste sentido, a relação da religião com a sociedade é apresentada como uma experiência espontânea e dialética, sobretudo, porque “o homem possui interesses materiais e ideais que guiam sua conduta e, assim, influenciado pela religião em razão de suas expectativas mundanas, articula as práticas sociais de sua comunidade com as crenças e concepções religiosas”.¹⁵

O capítulo cinco não deixa de ser uma problematização da relação entre religião e sociedade (apresentada no capítulo anterior), especialmente porque, de acordo com o autor, a presença da religião no caso da sociedade brasileira atual, apresenta um grande desafio em relação a necessidade de se interpretar as demandas e expectativas em torno da religião.¹⁶ Uma questão inquietante citada na abordagem tem a ver “[...] com a maior ou menor interferência sobre o social, comparada ou não a outras épocas históricas na vida social e política das sociedades como um todo e da brasileira em particular”.¹⁷ A resposta a esse questionamento situa com maior pertinência a importância de uma hermenêutica contextual no que tange a inserção política da religião no corpo social.

A ideia de rever o formalismo hermenêutico tradicional é a proposta do sexto capítulo. Novos formatos sociorreligiosos são elencados (Ecoteologia, Teologia Feminista, Teologia Queer, entre outros) como proponentes de um novo horizonte epistemológico. Nesse sentido, propõe-se uma hermenêutica lúdica por meio da qual seja possível “brincar com a palavra tradição e propor duas outras, destradição e retradição, como movimentos contrários”,¹⁸ sendo que a destradição ofereceria uma hermenêutica que apresentasse novos sentidos, enquanto a retradição comportaria uma ressignificação de uma tradição estabelecida.

A possibilidade de as Ciências da Religião apresentarem novas fronteiras de diálogo entre a religião e a sociedade é o horizonte compreensivo do sétimo capítulo. Emerson Sena aponta para cinco fronteiras: a economia, o corpo, os algoritmos, a natureza e o trabalho. As mazelas da economia neoliberal, capitaneada pelo anarcocapitalismo; a religiosidade descorporificada; a mentalidade extrativista/consumista alavancada pelo “capital financeiro algoritmizado”¹⁹ e as relações de trabalho precarizadas são importantes referenciais hermenêuticos na compreensão da relação religião e sociedade.

Finalmente, podemos dizer que a proposta do autor, apresentada na introdução, é alcançada com êxito. A condução dos capítulos prima por essa intenção, permitindo que o devir da hermenêutica nas Ciências Humanas dialogue com o horizonte compreensivo das Ciências da

¹³ SENA, 2023, p. 103.

¹⁴ DURKEIM *apud* SENA, 2023, p. 118.

¹⁵ SENA, 2023, p. 119.

¹⁶ SENA, 2023, p. 128.

¹⁷ SENA, 2023, p. 128.

¹⁸ SENA, 2023, p. 14.

¹⁹ SENA, 2023, p. 19.

Religião, apresentando possibilidades, leituras paradoxais, negociações e adaptações e readaptações. As discussões que perpassam a relação entre ciência e religião e posteriormente a relação entre religião e sociedade são bem situadas, percorrendo várias correntes sociológicas, mormente as de Emile Durkheim e Max Weber.

Não obstante, o capítulo sete parece se descolar (desagregar) da discussão dos capítulos anteriores, menos pelos elementos novos trazidos (economia, corpo, algoritmo, natureza e trabalho), mas, pela amplitude de discussão que eles exigiriam. Os elementos elencados, certamente, são interessantes para a discussão da relação entre religião e sociedade, mas, talvez exigiriam um debate bem maior ou mesmo uma obra específica.